

Excursão na Teologia Natural (Parte 28): A Presunção do Ateísmo

Seção 04 / Aula 28

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 23/02/2025, 10:00:06 (horário de São Paulo)

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 04](#)

Transcrição da versão em português a partir da legenda da aula. Revisão: 20/10/2026.

A presunção do ateísmo e suas definições

Nós temos analisado objeções epistemológicas à crença em Deus. A palavra "epistemologia" vem da palavra grega *epistime* que significa "conhecimento". Então, essas são objeções baseadas no fato de que Deus não pode ser conhecido como existente por alguma razão ou outra. Na última vez, analisamos a primeira objeção – a objeção do verificacionismo – que sustentava que a questão da existência de Deus é sem sentido. Não é nem verdadeira nem falsa a afirmação de que Deus existe porque a questão da existência de Deus é simplesmente uma questão sem sentido. Vimos que essa visão verificacionista era baseada em um princípio de significado que, em primeiro lugar, era completamente implausível, e depois, para piorar, autorrefutável.

Portanto, o verificacionismo tem sido virtualmente universalmente rejeitado entre os filósofos da ciência e epistemólogos hoje. Agora queremos nos voltar para um segundo tipo de objeção – o que eu chamo de presunção do ateísmo – que o ateísmo é, de alguma forma, uma espécie de posição padrão que não requer nenhuma evidência a seu favor para essa posição. Primeiro, seria a tentativa de muitos ateus contemporâneos de redefinir o significado do ateísmo. O ateísmo, tradicionalmente, é a visão de que Deus não existe. O ateísmo é uma posição de que não há Deus. Mas, com muita frequência, ateus hoje (pelo menos no nível popular) darão uma interpretação diferente ao ateísmo.

Eles dirão algo como isto: ninguém pode provar uma negativa universal como "não há Deus". Eles pensam que, porque o ateísmo é uma negativa universal, isso de alguma forma os dispensa da necessidade de qualquer evidência para a inexistência de Deus. Já que é uma negativa universal dizer que não há Deus, e negativas universais não podem ser provadas, é impossível provar que Deus não existe. Portanto, como ateus, eles não precisam provar tal coisa. Não apenas é obviamente falso que não se pode provar uma negativa universal – tudo o que você precisa fazer é mostrar uma autocontradição em alguma ideia para provar que ela não tem instâncias. Por exemplo, a ideia de que existe um solteiro casado.

É fácil provar que não há solteiros casados porque isso é um conceito autocontraditório. Portanto, um solteiro casado não pode existir. Então, na verdade, é possível provar negativas universais. Mas o ponto mais importante aqui é que essa afirmação do ateu é realmente uma admissão de sua parte de que é impossível provar o ateísmo! O ateísmo envolve uma negativa universal. Ele diz que não se pode provar uma negativa universal. Portanto, o ateísmo é impossível de ser provado. Então, acaba sendo o ateu quem está mantendo uma crença para a

qual não há e não pode haver evidência, segundo sua própria visão. Esse argumento, longe de ser uma espécie de defesa para o ateísmo, deveria ser parte do arsenal apologético cristão.

Ele mostraria que, se o ateu estiver certo de que não se pode provar uma negativa universal, então o ateísmo é simplesmente injustificável e, portanto, não pode ser mantido de maneira racional. O que muitos ateus tentam fazer nesse ponto é revisar a definição de ateísmo para que ele não seja mais a visão de que Deus não existe. Em vez disso, eles dizem que o ateísmo é apenas a ausência de crença em Deus. Qualquer um que não tenha crença em Deus conta como ateu. Isso é, novamente, não apenas contrário ao significado tradicional da palavra, mas, quando você pensa sobre isso, é realmente uma definição sem esperança. Pois, nessa nova definição, o ateísmo não é mais um ponto de vista ou uma posição.

Como era tradicionalmente. Tradicionalmente, o ateísmo é a posição "Não há Deus". Mas, nessa nova redefinição, o ateísmo não é mais uma posição ou uma afirmação de verdade. É apenas uma descrição do estado psicológico de alguém. É o estado psicológico de não ter uma crença em Deus. Como tal, o ateísmo não é nem verdadeiro nem falso. É apenas um estado psicológico. E até mesmo bebês, nessa definição, acabam sendo ateus, porque eles não têm o estado psicológico de acreditar em Deus. Mas isso é certamente absurdo. Você pode imaginar a seguinte conversa entre duas jovens mães: Mãe 1: Julie, acabei de saber que você teve gêmeos! Parabéns! Mãe 2: Sim, obrigada.

Mas, sabe, é tão triste. Mãe 1: O que é triste? Mãe 2: Bem, eles são ambos ateus. Nessa definição, até o nosso gato, Angel, acaba sendo ateu, porque tenho certeza de que Angel nunca pensou sobre a questão de se Deus existe ou não. Tudo isso ainda nos deixaria perguntando se há ou não um Deus – se Deus existe ou não. Você pode chamar essa visão de ateísmo ou schmateísmo. Não importa como você o chame. A questão é: Deus existe? Há um Deus? Qualquer um que diga que Deus não existe, mesmo que você chame isso de schmateísmo em vez de ateísmo, ainda assim podemos convocá-lo a nos dar alguns argumentos ou alguma evidência para sua posição.

Essa tentativa de se livrar da necessidade de fornecer argumentos para o ateísmo apenas redefinindo-o, eu acho, é completamente inútil.

Discussão sobre crenças, rótulos e agnosticismo

Alguma discussão sobre essa primeira tentativa de evitar ter que fornecer evidências para o ateísmo?

Aluno: Só para os ouvintes e qualquer pessoa nesta sala que ainda não tenha visto. Eu também estava realmente lutando com essa ideia de que o ateísmo é a posição padrão. Achei uma ótima conversa que você teve com outro ateu – acho que o nome dele era Dr. Shook, sim, acredito que sim.

Dr. Craig: Foi um debate na Universidade de British Columbia.

Aluno: Ele disse algo como: "Eu acredito que a natureza existe." Ele não tinha nenhuma razão para pensar que existe algo além disso. Isso era uma espécie de presunção do ateísmo, como: "Eu não preciso provar que existe algo além da natureza. Está claro que a natureza existe. Por que ir além disso?" Então ele se chamava de ateu. Você o desafiou dizendo: "Isso não faz de

“você um agnóstico? Você não sabe se há algo mais. Você está apenas dizendo...” E ele deu um exemplo sobre o mercado de ações e se investir nele ou não. Você apresentou todos esses argumentos para investir, e ele realmente não achava que eram bons.

Então você respondeu com: “Isso apenas significa que você não sabe se o mercado de ações vai subir ou cair. Isso não significa que ele não vá subir ou não vá cair. Você simplesmente precisa ser agnóstico sobre isso.” Achei uma conversa muito boa para esclarecer o que está acontecendo.

Dr. Craig: Ótimo. Fico feliz que isso tenha sido útil. Existem vários tipos de não-teísmo tradicionalmente. O não-teísmo pode ser o ateísmo, que é a crença de que Deus não existe. Ou você pode ser agnóstico, que é a posição: “Eu não acredito que Deus existe, mas também não acredito que Deus não existe.” Da mesma forma, “Eu não acredito que o mercado de ações vá subir, mas também não acredito que ele vá cair. Eu não sei o que o mercado de ações vai fazer.” Isso é agnosticismo. A outra posição possível seria uma espécie de não-cognitivismo, que é o velho verificacionismo, que diz que é uma questão sem sentido se Deus existe ou não.

Todas essas seriam variedades de não-teísmo. Quando o descrente diz que não acredita em Deus ou que lhe falta esse estado psicológico de crença em Deus, ainda queremos saber: bem, você é um ateu que diz que Deus não existe, você é um agnóstico que está apenas indeciso sobre o assunto, ou você é um verificacionista que acredita que essa questão não tem conteúdo cognitivo? Acho que você pode ver que todas essas pessoas terão o mesmo estado psicológico de falta de crença em Deus, mas isso não responde à questão de como devemos avaliar o fato da existência de Deus.

Dr. Craig: Sim. Cody.

Aluno: Uma coisa que gosto de fazer nessas conversas – porque percebo que as pessoas com quem falo ficam muito presas a essas palavras “ateísmo” ou “agnosticismo” – eu apenas escrevo todas essas palavras, dou as definições para elas e depois apago os rótulos e deixo apenas as definições e digo: OK, em qual delas você se encaixa? É impressionante como eles começam a ter dificuldade para me dar uma resposta nesse momento. Porque o que descobrimos é que eles se apegam à palavra “ateísmo”, mas, uma vez que você apresenta as definições, remove os rótulos e diz “chame do que quiser”,

Dr. Craig: Você está certo. As pessoas se sentem ofendidas ou ficam na defensiva quando você diz que estão usando o rótulo errado. Elas dizem: “Tenho o direito de me chamar do que eu quiser!” Mas o que você está fazendo é dizer que, no caso do ateísmo, você afirmaria: “Deus não existe”. E, no caso do agnosticismo, “Eu não sei se Deus existe.” No não-cognitivismo, “É sem sentido afirmar ou negar a existência de Deus.” Então, basta apagar os rótulos e perguntar: OK, qual dessas proposições você afirma? Essa é uma excelente maneira de superar a questão dos rótulos. Muito bom, obrigado. Taylor.

Aluno: Apenas para trazer uma visão pragmática sobre tentar definir os ateus, é pragmático realmente tentar debater a definição? Ou devemos simplesmente nos concentrar no assunto em questão? Ou você acha que, para fins de evangelismo, devemos falar sobre isso...

Dr. Craig: Bem, eu realmente acho muito importante tentar entender o que seu interlocutor acredita. Porque há uma grande diferença entre um ateu e um agnóstico. O agnóstico não faz

nenhuma afirmação de conhecimento. Mas o ateu está fazendo uma afirmação de conhecimento. Ele está dizendo que Deus não existe. Isso é uma afirmação de conhecimento que exige um argumento ou justificação, da mesma forma que a afirmação "Deus existe". Portanto, acho muito importante identificar exatamente o que seu interlocutor realmente acredita, independentemente do rótulo. E eu acho que algumas dessas pessoas podem não saber realmente no que acreditam. Elas podem simplesmente estar usando palavras. Isso pode, na verdade, promover uma autoanálise por parte delas, levando-as a perguntar: "Eu realmente acredito nisso ou não?"

Aluno: Minha pergunta era mais sobre se devemos nos prender às definições das palavras em vez de discutir os assuntos em si. Então era mais um "ok, certo?"

Dr. Craig: Não.

Aluna: Minha experiência é que há muitas pessoas que não querem que Deus exista. Então elas preferem uma vida sem Deus. Então, eles preferem uma vida sem aquilo que entendem ser Deus. Portanto, dizem que são ateus, mas não querem entrar no pântano de ter que lidar com tudo isso. Eles dizem: "Olha, minha vida está bem do jeito que está. Eu não acho que há um Deus, não quero que haja um Deus, então siga em frente." É isso que eu acho que muitos deles sentem.

Dr. Craig: Sim, e eu não tenho um rótulo para essa posição. O filósofo Thomas Nagel diz isso. Ele diz: "Não é apenas que eu não acredito que Deus exista. Eu não quero que haja um Deus. Eu não quero viver em um universo assim." Ele fica incomodado com o fato de que muitos dos seus colegas mais brilhantes e talentosos na filosofia acreditam que existe um Deus. Ele acha isso perturbador porque não quer que exista alguém assim. Então, você está absolutamente certa. Ao lidar com uma pessoa assim, acho que precisamos talvez dar um passo atrás e falar sobre as implicações existenciais do ateísmo – a absurdidade da vida sem Deus.

Aqui, você pode recorrer aos ateus existencialistas franceses e outros que reconheceram como as implicações dessa visão de mundo são realmente terríveis.

Aluno: Acho que as alternativas da não crença em Deus são muito severas. Então, vale a pena o exercício de explorar isso. Eu só queria comentar uma coisa. Como você sabe, meu irmão era ateu. Quando ele estava próximo da morte, ele disse: "Eu não entendo por que isso está acontecendo comigo." O que, para mim, significa... Quero dizer, se ele realmente era ateu, por que isso o incomodaria? Sabe, então isso apenas disse...

Dr. Craig: Isso não é estranho? Como se ele esperasse que houvesse um propósito, um plano ou uma razão.

Aluno: Sim, foi muito intrigante e deprimente. Por quê? Por quê? ... Pelo menos isso abriu espaço para reflexão... ou uma maneira de lidar com isso ao conversar com outra pessoa. Acho que isso é o vazio sem Deus.

Dr. Craig: Esse é um exemplo muito comovente de como essa consciência de Deus é profunda, ao ponto de ele dizer: "Por que isso está acontecendo comigo?" Isso é muito interessante. Sim. Ali no fundo.

Aluno: Acho que, ao falar sobre qualquer assunto, você realmente tem que ser honesto consigo mesmo. Acho que isso é especialmente verdadeiro na filosofia. Temos que perceber que a verdade (seja na matemática, na física ou em coisas assim) existe independentemente de nossos desejos. Por exemplo, eu posso sair de casa e dirigir um carro por aí, ficar preso no trânsito e dizer: "Eu queria que a gravidade não existisse." Mas meu mero desejo de suspender temporariamente a lei da gravidade para não ficar preso no trânsito não fará meu carro levitar. Meu ponto é que o mesmo se aplica à questão "Deus existe?". Eu posso desejar que Deus não exista, mas se Ele existe, Ele existe independentemente do meu desejo de que Ele não exista.

E é interessante, porque as pessoas que defendem essa crença de "eu não quero que Deus exista" parecem não querer que suas vidas tenham algum tipo de significado? É algo curioso, porque eles querem ter tudo ao mesmo tempo. Eles querem que suas vidas tenham significado, mas, se não houver justiça última, se houver ausência de justiça última, então também há ausência de significado último. Essas duas coisas – justiça última e significado último – só podem existir se houver um Deus que seja todo-poderoso. Somente um ser todo-poderoso pode garantir essas coisas, então um ser todo-poderoso, por definição, seria Deus, se nada for maior do que Ele.

Dr. Craig: Sim, eu concordo, e acho que o exemplo que alguém deu antes, assim como Thomas Nagel, indicam que não são apenas os teístas que podem ser acusados de pensamento ilusório, mas os ateus também podem cair nessa armadilha de pensar que o mundo precisa se conformar aos seus desejos. Sim.

Aluno: Em relação ao comentário anterior, acabei de cunhar mentalmente o termo "deslocamento" – pessoas que são ateus querem se colocar no lugar de Deus, até que chegam a um ponto na vida em que percebem que não são, como no momento da morte ou da doença, e percebem que não têm controle. Então, surgem as perguntas – por quê?

Dr. Craig: Sim, sim, sim, espero que sim. Muito bem. Alguém mais tem algo a dizer sobre essa questão da redefinição do ateísmo? Sim.

Aluno: Uma coisa que percebi – e alguns de vocês provavelmente perceberam também – é que acho que os ateus ou agnósticos estão tão desesperados para evitar serem rotulados que eles misturam e combinam essas definições ao ponto de dizerem "Eu sou um ateu agnóstico". Eles montam uma matriz e dizem: "Eu estou um pouco aqui, um pouco ali." É bem interessante.

Dr. Craig: Eu já ouvi essa mesma mistura também. Acho que isso é apenas uma falta de clareza no pensamento deles. Novamente, como alguém mencionou antes, não discutam sobre rótulos. Apenas pergunte: "O que isso significa?" Me diga o que essa crença realmente é. Qual é a posição aqui?"

Aluno: Primeiro de tudo, eu não acho que gatos sejam ateus. Eles são demônios!

Dr. Craig: [risos] Oh, não, não, não! Nosso gato se chama Angel, e por um bom motivo!

Aluno: Eu estava me perguntando, na sua visão e experiência, você acha que se alguém assume a posição de que Deus não existe, é mais fácil discutir com essa pessoa do que com alguém que diz: "Eu não sei e não me importo"?

Dr. Craig: Certamente, se a pessoa não se importa, isso é muito difícil. Como eu disse outro dia, isso às vezes é chamado de apateísmo – há um rótulo para isso. Isso é muito difícil de lidar. Meu professor, Norman Geisler, diferenciava dois tipos de agnosticismo – o agnosticismo comum (que é apenas uma confissão de ignorância, "Eu não sei se Deus existe") e o que ele chamava de agnosticismo teimoso (que é, "Ninguém pode saber que Deus existe. Não se pode saber que Deus existe"). O agnóstico comum é de mente aberta e, acredito, fácil de lidar. O agnóstico teimoso, por outro lado, está realmente fazendo uma afirmação. Ele está afirmando que não se pode saber que Deus existe.

Portanto, essa afirmação exige alguma evidência ou argumento. Precisamos ouvir sua justificativa para essa afirmação de que não se pode saber que Deus existe. Então, depende de que tipo de agnóstico você está lidando.

O ônus da prova e a ausência de evidências

Muito bem, vamos seguir para a próxima objeção epistemológica à presunção do ateísmo. Essa é a visão de que o ateísmo (ou seja, a crença de que Deus não existe – o ateísmo na definição tradicional) é a posição padrão. Você deve assumir que algo não existe a menos e até que tenha evidências de que isso existe. Portanto, na ausência de evidências, você deve acreditar que Deus não existe. Você assume que algo não existe a menos e até que tenha evidências a seu favor. Isso é uma tentativa de impor um fardo desigual de prova. O ateu, nessa visão, não tem fardo de prova. Sua posição é a padrão.

O teísta, por outro lado, carrega todo o fardo da prova porque ele afirma que Deus existe. Bem, eu acho que há dois problemas muito significativos com essa posição. O primeiro problema foi apontado para mim por um criminologista australiano. Ele disse que há um ditado muito usado entre os criminologistas: "A ausência de evidência não é o mesmo que evidência de ausência." Como criminologista, ele sabia que apenas porque você não tem nenhuma evidência positiva, por exemplo, de que o mordomo foi o assassino, isso não significa que ele não foi o assassino. A ausência de evidência não é necessariamente evidência de ausência. Acho que isso é bastante evidente.

Pegue, por exemplo, a afirmação de que há uma pulga nesta sala. Agora, não temos nenhuma evidência de que há uma pulga nesta sala. Isso significa, portanto, que não há pulga na sala? Acho que, obviamente, não. Pode muito bem haver uma pulga nesta sala, mesmo que não tenhamos nenhuma evidência disso. Portanto, a ausência de evidência não é necessariamente evidência de ausência. Agora, por outro lado, suponha que alguém diga que há um elefante nesta sala. Nesse caso, a ausência de evidência seria, eu acho, evidência de ausência. Se não tivermos nenhuma evidência de que há um elefante nesta sala, isso é uma evidência bastante forte de que não há um elefante na sala.

Então, qual é a diferença entre o caso da pulga e o caso do elefante? Por que, em um caso, a ausência de evidência não é evidência de ausência, mas, no outro caso, a ausência de evidência é evidência de ausência? Acredito que existem duas condições sob as quais a ausência de evidência conta como evidência de ausência. Acho que a primeira condição seria que examinamos completamente a área onde a evidência deveria ser encontrada. Se você nem sequer olhou para dentro da sala, pode haver um elefante lá dentro, porque você nunca verificou

a evidência. Se você não investigou... Ou, se você examinou as evidências de forma muito superficial, pode ser que simplesmente não tenha descoberto a evidência necessária.

Então, a primeira condição sob a qual a ausência de evidência conta como evidência de ausência é que você investigou completamente a área onde a evidência deveria ser encontrada. Agora, traduzindo isso para o caso de Deus, isso significaria que você realizou uma investigação minuciosa e aprofundada dos argumentos da teologia natural para a existência de Deus. Isso seria necessário para que a ausência de evidência contasse como evidência da ausência de Deus. Você teria que analisar todos os argumentos da teologia natural a fundo antes de poder julgar que não há evidência para a existência de Deus. A segunda condição seria: se a entidade existisse, deveríamos esperar ter mais evidências de sua existência do que aquelas que temos.

Se houvesse uma pulga nesta sala, deveríamos esperar ter mais evidências de sua existência do que as que temos? Obviamente não. Não temos nenhum tipo de detector de pulgas que nos informaria que ela está aqui. Por outro lado, se houvesse um elefante nesta sala, esperaríamos ter mais evidências – evidências visuais e olfativas (o cheiro do elefante e assim por diante) de que ele existe. Portanto, a ausência de evidência, nesse caso, é uma boa evidência de que não há um elefante na sala. Novamente, traduzindo isso para a questão da existência de Deus. O que isso significaria é que, se Deus existisse, então deveríamos ter mais evidências de Sua existência do que as que realmente temos.

Isso é verdade? Se houvesse um Deus, deveríamos ter mais evidências de Sua existência do que a existência de um universo contingente, o início do universo em um ponto específico no passado finito, antes do qual ele não existia, o ajuste fino do universo com uma precisão incompreensível para a existência da vida inteligente, a existência de um reino de valores e deveres morais objetivos, a ressurreição de Jesus de Nazaré dentre os mortos? Se Deus existe, deveríamos esperar ter mais evidências do que essas? Bem, isso está longe de ser óbvio. Parece-me que o que o ateu está dizendo então é que ele é capaz de prever que tipo de evidência Deus daria se Deus existisse.

Mais uma vez, somos levados de volta aos argumentos da teologia natural. Eu diria que temos evidências muito boas da existência de Deus e que não há razão para pensar que, se Deus existisse, deveríamos ter mais evidências de Sua existência do que as que realmente temos. Portanto, mais uma vez, será uma questão de quão bons são esses argumentos. Sob quais condições, então, a ausência de evidência conta como evidência da inexistência de algo? Duas condições. Primeiro, você examina completamente a área onde a evidência deveria ser encontrada, e em segundo lugar, se a entidade existisse, então deveríamos esperar ter mais evidências de sua existência do que realmente temos.

Eu não acho que essas condições sejam atendidas no caso do teísmo. Portanto, esse argumento não me convence. Eu não acho que o teísta e o ateu tenham encargos diferenciais de prova. Ambos estão fazendo afirmações de conhecimento e ambos devem sustentá-las.

Discussão sobre provas e evidências indiretas

Algun comentário ou pergunta sobre esse ponto? Sim. Kevin.

Aluno: Quando um ateu lhe pergunta sobre a chaleira orbitante de Bertrand Russell, como você responde?

Dr. Craig: Às vezes, os ateus dizem: "E a hipótese de que há uma chaleira em órbita ao redor da Terra? Não temos nenhuma evidência dessa chaleira orbitando a Terra. Então, isso não é uma boa evidência de que ela não existe?" Nesse caso, eles diriam que a ausência de evidência é evidência de ausência. Acho que é uma ilustração ruim. Kevin, acho que temos uma grande quantidade de evidências de que não há tal chaleira orbitando a Terra. Sabemos que nenhum cosmonauta soviético ou astronauta americano levou chaleiras para o espaço e as ejetou para fora de suas cápsulas espaciais. Além disso, nenhum extraterrestre traria chaleiras para a Terra no espaço porque você não pode despejar chá no espaço a partir de uma chaleira.

Talvez precisasse sugá-lo de um tubo, mas em uma situação de ausência de gravidade, ter uma chaleira é inútil. Portanto, acho que temos todas as razões para pensar que não há uma chaleira orbitando a Terra, e isso não se baseia apenas na ausência de evidências. Temos boas razões para pensar que não há uma chaleira orbitando a Terra. Kody.

Aluno: Eu percebo que, às vezes, o que acontece nessas conversas é que o ateu, acho eu, usa de forma errada o termo "prova". Muitas vezes, eles usam exemplos como a chaleira ou até mesmo coisas como o Pé Grande. Eles dizem: "Agora prove que eles não existem." Acho que quando dizem "provar", o que querem dizer é "provar além de qualquer dúvida possível", o que, como todos sabemos, é um padrão ridículo. E, sabe, por essa lógica, é claro, eu nem poderia ser um teísta, o que eu aponto para eles. Eu diria que nem eu afirmaria saber que Deus existe com certeza absoluta, de forma que eu não poderia estar errado.

Mas se posso dizer que isso está além de uma dúvida razoável, então o ateísmo não poderia ser analisado da mesma forma? Então... Sim.

Dr. Craig: Exatamente. Nesses casos, você precisa voltar ao ponto inicial com eles e apontar que você está oferecendo argumentos para a existência de Deus. Você não está afirmando que pode fornecer um tipo de prova matemática. Acho que temos razões muito boas, evidências muito boas, para pensar que o Pé Grande não existe, que o Monstro do Lago Ness não existe, ou o Abominável Homem das Neves. Então queremos ouvir do ateu seus argumentos e evidências de que Deus não existe. Estamos totalmente dispostos a apresentar nossos argumentos para a existência de Deus, então acho que temos todo o direito de perguntar ao ateu: "Nos dê seus argumentos sobre por que você acha que Deus não existe."

Aluno: De certa forma, a teologia é parecida, eu diria, com a astronomia ou a cosmologia, como você colocaria. O motivo pelo qual digo isso é porque, quanto menos sabemos sobre um determinado assunto, se nem mesmo sabemos a escala ou o tamanho de algo exatamente (como não sabemos o tamanho do universo), mais precisamos confiar em observações indiretas. É mais ou menos a mesma coisa com o núcleo da Terra. Ninguém o viu pessoalmente, porque obviamente as condições não são adequadas para a vida humana, mas temos que confiar em observações indiretas para entender como ele é. E eu acho que o mesmo é verdadeiro para o Reino sobrenatural até certo ponto, com a astronomia e etc.

Dr. Craig: Acho que isso está absolutamente correto. Isso é da própria natureza do caso. Deus não é um ídolo físico que você poderia observar com os cinco sentidos. Estamos falando aqui de uma mente pessoal transcendente além do universo. O que veremos serão, como você disse, as "impressões digitais" do Criador em Sua criação. Serão evidências indiretas de Sua existência, como acontece na astronomia – por exemplo, as evidências para um buraco negro ou, na física

de alto nível, para certas partículas teóricas e coisas desse tipo. Elas são postuladas por causa de seu valor explicativo para aquilo que observamos e vemos. Muito bem.

Bênção final

Com isso, vamos encerrar hoje com a bênção. E agora, que o Deus de toda graça, que perdoou todos os nossos pecados no sangue de Jesus Cristo e nos purificou de toda iniquidade, preencha sua vida nesta semana com o conhecimento de Sua graça e Sua vontade para fazer aquilo que é agradável a Seus olhos. Por meio de Jesus Cristo, nosso Senhor. Amém.

Referências

Nota original²²⁵ (PDF oficial, p.258; correspondente à nota² da página individual): William Lane Craig discute o debate com John Shook no podcast Reasonable Faith, A Lively Debate: <http://www.reasonablefaith.org/a-lively-debate>. A transcrição desse podcast contém link para o debate. Acesso registrado no original: 29 maio 2016.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2016 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 20/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/s3-excursus-on-natural-theology/excursus-on-natural-theology-part-28>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-teologia-natural-parte-28/>